

## NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA E PROTAGONISMO EM DIÁRIOS ÍNTIMOS

Robson Mendonça Pereira<sup>1</sup>

### Resumo:

O diário íntimo, *journal intime* ou *diary* pode ser considerado de um tipo especial de escrita de si, identificado com o gênero autobiográfico, conforme define Lejeune (2008), faltando-lhe apenas o caráter retrospectivo. Esse tipo de fonte documental, redigido sem compromisso, de forma espontânea e meditativa, apresenta elementos importantes e incomuns se comparado com outras de cunho formal e institucional produzidos pelo mesmo indivíduo, ao revelar traços da personalidade, servindo para composição de sua autoimagem. Proponho a análise crítica do diário íntimo redigido pelo político paulista Altino Arantes Marques durante sua passagem pela presidência do Estado entre 1916 e 1920. Desenvolvo uma discussão em torno da dupla intenção envolvida na confecção de seu diário: de um lado, o autor se propõe a manter um registro sincero de seus atos como homem público compondo representações distintas de si (o homem público honrado, o viúvo devotado, o político fiel), produzindo uma leitura privilegiada e legitimadora de seu papel em relação à história; por outro lado, o autor concebeu o diário como projeto autorreferente destinado a cristalizar um protagonismo auto-atribuído em eventos importantes que aparecem em destaque. Contradições se explicitam no texto como parte da experiência do sujeito que parece hesitar em algumas situações particularmente complexas surgidas de um contexto marcado por tensões sociais esgarçadas pela Primeira Guerra Mundial e pela crise da economia cafeeira. Altino representa assim uma fração mais moderna da mentalidade média da elite política paulista, aquela que começava a se defrontar com os movimentos sociais urbanos como a Greve Geral anarquista de 1917 ou a pandemia de gripe espanhola de 1918.

### **O diário como narrativa autobiográfica**

Em narrativas biográficas é frequente a consulta ao arquivo do biografado. A correspondência pessoal recheada de cartas, bilhetes, telegramas, cartões postais e objetos que guardam uma memória particular. Assim se obtém o desejado efeito de verossimilhança, manipulando um

---

<sup>1</sup>Docente do curso de História da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus de Anápolis. Doutor em História pela UNESP. Bolsista de Pós-doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Acordo FAPEG/Capes). O autor desse trabalho contou com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás para participação no evento (Edital FAPEG nº 01/2013).

material autobiográfico, no qual a sinceridade do autor convence um leitor contemporâneo cada vez mais ávido por detalhes que revelem o biografado na sua intimidade e que permita entrar em seu inconsciente gerando uma identificação significativa. François Dosse (2009) denomina “idade hermenêutica” a essa modalidade muito praticada de abordagem biográfica, caracterizada pela busca a um caráter existencial, de “reafirmação do eu”.

Algumas vezes o biografado ao trabalhar com essa memória de si produz uma reflexão construindo um discurso seu a partir desses discursos dos outros. Esse meta-arquivo se constitui em fragmentos autobiográficos diversos que expressam da parte do titular um desejo de construção de sua autoimagem, da maneira como pretende ser lembrado depois de sua morte (FRAIZ, 1998: 74-7).

Entre estes materiais destaca-se o diário íntimo, um tipo de escrita autorreferente bastante singular identificado com a narrativa autobiográfica. Philippe Lejeune nos seus estudos relacionados à autobiografia dedicou-se ao estudo dos diários traçando-lhe alguns aspectos normativos envolvidos na sua análise. Insiste na concepção do diário como uma modalidade de escrita cotidiana, “uma série de vestígios datados”, em geral manuscrito pela própria pessoa, em primeira pessoa, cujo conteúdo não poderá ser alterado, aspecto que reforça seu caráter individualizante e sua existência única (2008: 260).

Para Lejeune tanto no diário quanto na autobiografia percebe-se a persistência de um núcleo comum: a existência de um pacto referencial que se fundamenta na identidade entre autor, narrador e personagem, identidade esta do qual o leitor não deve duvidar, pois se sustenta na convicção da honestidade do próprio relato proferido, não importando se este seja verídico ou não (FRAIZ, 1998: 74-5). Apesar do diário não cumprir todas as condições estabelecidas para ser reconhecida como narrativa autobiográfica do ponto de vista formal, reflete de alguma maneira a necessidade cada vez mais crescente da escrita de si (LEJEUNE, 2008: 14).

A tradição da prática do diário parece ter sido incentivada pelo protestantismo no norte da Europa no momento em que o indivíduo cuidava de preocupar-se cada vez mais consigo mesmo a partir do Renascimento. Este gênero era considerado suspeito na porção mediterrânea do continente em países de língua latina e cultura católica, de maneira que o contexto brasileiro e mesmo ibero-americano herdado esse preconceito, visto a quase inexistência do diário pessoal e da escrita íntima como gênero literário por longo período.

Para Gilberto Freyre, pioneiro na utilização desse tipo de material, faltaria motivação aos povos dos trópicos para o chamado “exame de consciência”, feito em geral no confessionário do padre. Tal argumento de cunho religioso é rebatido por Cabral de Mello que aponta para dois possíveis fatores explicativos: o baixo nível educacional que prevalece até as primeiras décadas do século XX, dificultando o exercício da escrita pessoal, e a ausência de uma “cultura da vida privada” nos países de colonização ibérica, ao contrário daqueles de cultura protestante que a desenvolvem precocemente (1998: 386-8).

Maria Helena Machado aponta para aspectos análogos aos apontados por Cabral de Mello ao afirmar que a raridade desse tipo de fonte histórica se daria em uma sociedade “pouco afeita às letras em geral, e menos ainda à valorização do registro pessoal e da reflexão íntima” vindo “apenas tardiamente, em tempos mais modernos, via psicanálise [...], vulgarizar-se a escrita do diário” (MACHADO, 1998: 21).

Deduz-se disso a importância assumida pelos diários íntimos, algo que se torna mais contundente no caso de personalidades públicas, seja por envolver apreciações privadas pouco comuns, ausente mesmo na documentação epistolar do personagem, revelando circunstâncias especiais, momentos de hesitação e incertezas que tingem de veracidade os eventos vividos. Para Calligaris a escrita do diário permite desenvolver uma “imagem da vida interior”, produto da meditação constante com o qual o indivíduo refaz sua própria biografia, para si mesmo e para os outros (CALLIGARIS, 1998: 46).<sup>2</sup>

### **Diários íntimos e diários políticos**

Na verdade, poucos políticos brasileiros legaram a posteridade o registro de suas memórias e de sua vida cotidiana. E muito pouco do que existe mereceu publicação integral e análise acadêmica. O diário do presidente da República Getúlio Vargas escrito entre os “anos quentes” de 1930 e 1942, é um desses exemplos raros, investigação que envolveu um extenso trabalho de transcrição dos manuscritos originais por pesquisadores da Fundação Getúlio Vargas. Em sua apresentação Celina do Amaral Peixoto (1995: VII-XIII) classifica o diário de Vargas como estritamente “pessoal” por se tratar de um “guia para a própria vida”, diferenciando-se do diário íntimo, separando vida pública e vida pessoal. Por se tratar de uma

---

<sup>2</sup>Calligaris considera o diário como um tipo de autobiografia: a) no sentido restrito; b) o diário íntimo (*journal*), c) o diário (*diary*); e d) memórias (*memoirs*) (1998: 46).

figura proeminente na história política brasileira, seu diário provocou alguma discussão a respeito de possíveis revelações sobre sua personalidade e avaliações acerca de seu verdadeiro papel nos eventos do Brasil contemporâneo em meio à facetas díspares como a do líder revolucionário de 1930, a do presidente carismático e “pai dos pobres” construído pelo Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo ou de mártir em 1954.

Maria Helena Machado (1998) trouxe a lume os manuscritos de um diário íntimo do general José Vieira Couto de Magalhães, personagem heroico do Segundo Império, general do Exército nacional, folclorista, sertanista e intelectual autor de livros como *Viagem ao Araguaia* (1863), *O selvagem* (1876) e *Ensaio de Antropologia* (1894). Foi presidente das Províncias de Goiás, Mato Grosso, Pará e São Paulo, tendo combatido na Guerra do Paraguai. Ao esmiuçar os registros de Couto de Magalhães, a autora se defrontou como era de se esperar com constantes relatos e reminiscências do autor relacionadas a expedições por rios caudalosos e sertões infindáveis. No entanto, algumas características da personalidade individual transparecem outro Couto, o hipocondríaco acometido de sífilis, um atormentado a transcrever seus sonhos e devaneios noturnos, com passagens homoeróticas codificadas em tupi-guarani, língua que conhecia profundamente a ponto de publicar um dicionário. Escreve durante sua estadia em Londres, melancólico, desejoso de aproximar-se do mundo natural com o qual entrara em contato na juventude. Desenvolve assim uma crônica do cotidiano com o qual procura repassar sua vida para melhor compreendê-la e controlá-la.

O diário íntimo do político paulista Altino Arantes Marques, que pretendo analisar mais adiante, se distingue bastante do de Vargas, por se caracterizar pela mistura ou entrelaçamento de situações públicas com reminiscências íntimas e pessoais, sendo mais que um diário político. Seu autor não se limita a registrar os aspectos burocráticos de sua atividade cotidiana, como o faz Vargas, mas se põe a formular opiniões a respeito de seus subordinados e pares, expõe sentimento de perplexidade e dúvida a respeito de suas próprias atitudes. A dimensão mais propriamente recôndita e íntima de sua vida pessoal é esmiuçada quando se refere à esposa recém-falecida, as dificuldades ao lidar com filhos adolescentes, nos preparativos de mudança para o Palácio presidencial, nas viagens para o balneário do Guarujá, enfim, situações nas quais afloram sentimentos absortos, devaneios e sonhos.

Ao contrário das reminiscências deixadas por Couto de Magalhães quase ao final de sua vida, as anotações de Altino se davam no calor dos eventos, das crises sucessivas durante as primeiras décadas republicanas que marcaram seu governo, dos acertos e acordos firmados com o círculo de poder, que incluía além do seu secretariado, os membros da Comissão Central do Partido Republicano Paulista (PRP), do dia-a-dia despachando com coronéis locais e chefes regionais a resolver impasses político-eleitorais. Emerge desse trabalho cotidiano uma autoimagem aparentemente coerente do homem público que Altino desejava ser, reforçando valores fundamentais, no âmbito da mentalidade da elite republicana, como a honra, a moral, virtudes que surgem nas ações que o titular empreende e que o destacam nos acontecimentos que se põe a narrar.

### **Constituindo um espaço de memória**

Em uma nota preliminar constante do primeiro caderno de seu diário Altino Arantes tomou o cuidado de assinalar o que poderia ser entendido como uma espécie de pacto de leitura ao frisar o caráter restrito do manuscrito e os cuidados que deveriam ser tomados em relação a sua guarda:

Este caderno de notas íntimas é absolutamente reservado. Destina-se, como tantos outros que o precederam – desde os longínquos tempos do colégio de Itú, – à destruição pelo fogo purificador, no periódico auto de fé das caixas velhas e imprestáveis. Um só deles guardo ainda, no meu cofre, junto das modestas jóias da minha querida morta.<sup>3</sup> Não o consumi porque foi escrito expressamente para ela, durante os dias de sua última viagem ao interior. Intitulei-o, por isso, numa dolorosa antevisão do meu destino, “Soledade”. E foi ela própria que – terminada a sua leitura, ainda em casa do [Bié] em Batatais, disse-me, sorridente e quase vaidosa: “É o mais precioso presente, que tenho recebido de tuas mãos; não o rasgarei, como pedis; guardá-lo-ei, sim, entre as minhas jóias”. Estou, pois, cumprindo neste particular um voto da Maria... Si alguém, entretanto, der por qualquer forma, publicidade a ele ou a este caderno e aos que a ele seguirem, em todo ou em parte, – terá traído o meu pensamento e contrariado formalmente a minha vontade, que,

---

<sup>3</sup> Altino refere-se aqui a sua primeira esposa Maria Teodora Andrade Junqueira Arantes, falecida em 12 de março de 1915, na cidade de São Paulo.

neste caso aqui ficará para sempre consignada como um protesto...Ao Paulo e a Stella<sup>4</sup>incumbe neles pela execução fiel de minhas disposições.<sup>5</sup>

Neste trecho o titular revela que mantinha o hábito da escrita diária desde sua adolescência, e que conservava em especial um caderno que se relacionava a sua primeira esposa falecida em março de 1915. Anuncia nesse comentário um dos assuntos mais recorrentes no diário, a lembrança de Maria Teodora sobre o qual abundam reminiscências a rivalizar com outros temas fortes ligados a condução da política e do governo paulista.

O desejo expresso pelo titular de que o conteúdo do diário não deve ser publicado, por seu conteúdo estrito, parece não condizer com a própria natureza do “ato autobiográfico”, uma vez que a intenção subjacente do autor de textos e memoriais autobiográficos seria a de ficcionalizar sua própria vida com o objetivo de construir uma imagem mais apropriada de sua personalidade (CALLIGARIS, 1998).

Altino contradiz essa vontade ao assinalar a intenção original que o levou a feitura do diário: produzir um relato de sua experiência como governador e resguardar sua imagem para posteridade. Nesse esforço enorme manteve um registro manuscrito pormenorizado do dia-a-dia no Palácio dos Campos Elíseos, avaliando seus próprios atos e de outrem, as tertúlias, perfídias e acordos nos bastidores da política estadual paulista. Os quinze cadernos minuciosamente organizados, que recobrem exatamente seu quadriênio presidencial, não geraram como talvez fosse de se esperar a organização de uma memória biográfica por parte de Altino. Este publicou quase ao fim de sua vida diversos discursos e artigos publicados em noticiosos, sob o título enganoso “Passos do meu caminho”, pois não se encontra ali qualquer tipo de esboço autobiográfico, apenas a reunião de parte de sua produção intelectual (MARQUES, 1958, 2v).

É certo que em determinada noite teria se sentado à frente de sua escrivaninha, ajeitando-se na cadeira, aberto um caderno, molhado a pena no tinteiro, e escrito solenemente na primeira página: “Meu diário – Registro íntimo de fatos e de impressões” para logo em seguida descrever longamente os eventos e todas as sensações que o tomaram de assalto naquele longo e exaustivo dia que parecia nunca terminar:

1º de maio de 1916, segunda-feira: minha posse na presidência do Estado.

<sup>4</sup>Filhos de Altino Arantes do primeiro casamento.

<sup>5</sup> AESP. APAA. Locus: AP91.01.001. vol.1. [Preliminar].

No tumultuar das impressões desencontradas, que este acontecimento levanta em meu atribulado espírito, duas se destacam e dominam todas as outras: uma grande surpresa e uma imensa, acabrunhada saudade... Surpresa da qual me não refiz ainda, ao ver-me, antes dos quarenta anos de idade, elevado a suprema magistratura de meu Estado natal, sem que eu descubra em mim méritos para tanto, sem que tenha visado jamais, nas minhas atitudes e conduta públicas, tão alta investidura. Não consigo explicar humanamente o estranho caso; e, por isso, à minha alma de crente prefere, singelamente, atribuir a proteção superior de Deus, que nunca me faltou, mas essa dádiva – generosa é certo, compreensiva talvez...<sup>6</sup>

O embevecimento diante do poder que lhe confere o ato relatado se reveste de forte simbolismo para Altino, uma vez que o processo que o levou a sua escolha como candidato na chapa oficial do PRP na sucessão do conselheiro Rodrigues Alves, a polêmica levantada em torno de seu nome, a ruptura partidária, os ataques e as disputas internas no seio da elite política paulista não constituem é claro matéria importante para o autor que focaliza o momento simbólico de regozijo.

Sobre Altino Arantes Marques é necessário algumas informações biográficas: nasceu em 29 de setembro de 1876<sup>7</sup>, em Batatais, um próspero município cafeeiro no nordeste paulista. Filho do coronel Francisco de Arantes Marques e de dona Maria Carolina Arantes Marques, cursou o ensino secundário no Colégio São Luís, em Itu. Formou-se na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco em 1895, e ao retornar a sua terra natal, instalou banca de advogado. Introduziu-se na política local pelas mãos de Washington Luís, então um jovem advogado, carismático, que logo foi eleito vereador. Fundaram e dirigiram o jornal *A Lei* em 1897, um periódico em defesa da causa do municipalismo. Disputaram em campos opostos a chefia do município, e nesta foi Washington quem levou a melhor. Suas carreiras seguiram uma trajetória paralela na década seguinte até se encontrarem como secretários estaduais no governo de Albuquerque Lins. Ao contrário de seu colega, Altino parecia se encontrar em situação mais favorável.

Ao montar seu secretariado, o recém-eleito conselheiro Rodrigues Alves (1912-1916) manteve Altino na mesma pasta. Com o tempo ele se tornaria um dos mais fiéis defensores do político de Guaratinguetá (EGAS, 1927: 481), fato que se revelaria auspicioso para sua

<sup>6</sup> Arquivo do Estado de São Paulo (AESP). Arquivo Privado de Altino Arantes (APAA) – locus: AP91.01.001. Volume 1.

<sup>7</sup> Faleceu em 5 de julho de 1965, na cidade de São Paulo.

ascensão política (FRANCO, 1973, v.2: 607). Uma sucessão de acontecimentos possibilitou que Altino se tornasse o candidato à sucessão do conselheiro. A chapa oficial era encabeçada inicialmente por João Álvares Rubião Jr., presidente do Senado Estadual, tendo como vice Altino Arantes.

Inesperadamente Rubião Jr. veio a falecer provocando a realização de uma Convenção partidária a 7 de novembro para escolher uma outra chapa. Os dissidentes rapidamente indicaram o nome de José Cardoso de Almeida, secretário da Fazenda. O conselheiro resolveu bancar a candidatura de Altino Arantes, enviando uma carta pública ao chefe da presidente da Comissão Executiva do PRP Jorge Tibiriçá (FRANCO, 1973, v2: 775). Ao que parece Altino alçara a condição de discípulo fiel e confiável, como deixa entrever o comentário de Casalecchi:

[...] conhecido como o mais palaciano dos secretários, amigo pessoal dos filhos do presidente do Estado, em especial de Oscar Rodrigues Alves, cogitando-se mesmo na ação deles para aquela indicação, Altino Arantes tem a candidatura combatida com fervor pelos dissidentes. (CASALECCHI, 1987: 147-8)

A perspectiva de chegar antes dos quarenta anos à presidência do Estado “não poderia deixar de acender invejas e suscitar restrições” conforme assinala Melo Franco mereceu glosa desagradável:

Até mesmo do prestígio que lhe conferia a presidência, seu nome, não chegou a se impor nacionalmente, como vemos pelos sarcasmos de Rui, quando se refere ao futuro presidente paulista como sendo ‘a menina do piano’. (FRANCO, 1973, v2: 774)

A dissidência atacou intensamente a candidatura veiculando críticas por meio do jornal *O Estado de S. Paulo*. Júlio de Mesquita, chefe deste periódico, assume a representação dos dissidentes às vésperas da Convenção que foi presidida por Francisco Glicério, que teve início com o requerimento de Adolfo Gordo pedindo adiamento da decisão por quinze dias a fim de ganhar tempo para escolha de nome que reunisse os “sufrágios gerais”. A maioria se opôs a essa medida, e após longo discurso de Carlos de Campos em nome da conciliação, buscando isentar o governo e referendar Altino, o requerimento de Adolfo foi rejeitado. Abria-se, assim, uma nova cisão na política paulista.



Eleito Altino Arantes sofreria durante seu mandato com o “antagonismo dos dissidentes” (CASALECCHI, 1987: 149-50). Cronistas de época apontaram para os flagelos que abateram sobre os paulistas durante o curso do governo de Altino: a Gripe, a Geada, os Gafanhotos, a Guerra e, por fim, as Greves, criando a expressão “cinco Gês” para designar uma “conjuntura particularmente catastrófica” (SEVCENKO, 1992: 24).

Sob tal perspectiva Altino tinha motivos de sobra para evitar a escrita diária: a escolha como candidato oficial não fora unânime, sua competência fora colocada em dúvida, o partido ao qual jurara fidelidade estava cindido, a conjuntura econômica acenava para recessão e crise. Então a pergunta é porque o fez? A resposta talvez esteja na possibilidade aberta pela escrita autorreferencial do indivíduo construir uma identidade para si e para os outros. No contexto da sociedade moderna, o indivíduo desempenha uma série de papéis sociais sobrepostos e geralmente desarmônicos. Assim a produção de si através da escrita constitui uma forma de se proteger da fragmentação do eu, própria da vida moderna.

### **Construindo um protagonismo**

O diário de Altino encerra, de alguma maneira, certas pretensões intelectuais e literárias do autor que ocupou uma das cadeiras na Academia Paulista de Letras e chegou a presidir o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Não se sabe se pretendia publica-lo ou utilizar sua narrativa para produzir uma memória autobiográfica mais elaborada. Pode-se a partir de sua leitura apontar para certos pontos nodais. Um destes se relaciona a clara preocupação expressa desde o início de resguardar sua imagem para posteridade como iremos analisar em seguida.

Em determinada passagem significativa Altino reexamina seus atos como gestor público e procura se escusar diante das críticas:

1º de Maio [1917] – Transcorre hoje o primeiro aniversário de meu governo. Devo ter errado muito, e certo; mas o que se me não poderá contentar jamais é que tenha trabalhado com dedicação e honradez por São Paulo, por seu bem estar e por seu progresso. Tenho sofrido também muitas e clamorosas injustiças, na apreciação de meus atos e até, de meus propósitos. Isto porém, pouco importa, quando se tem a consciência tranqüila e olhos postos em Deus, em Deus que jamais me abandonou,

nos transe mais angustiosos de minha vida e cuja indefectível proteção me conduzirá ao termo feliz de meu quatriênio.<sup>8</sup>

Eis uma característica da narrativa autobiográfica, o autor procura fazer justiça consigo mesmo. Altino até parece reconhecer dificuldades na sua administração, mas reclama dos ataques e ultrajes dirigidos a sua pessoa. Parece convicto de estar seguindo o caminho correto e de que seus atos se amparam na sua devoção constante.

Na composição que faz de sua imagem, procura caracterizar-se ao mesmo tempo como um homem devoto e como um político honesto. Isto fica perceptível quando se ressentia da ausência da esposa no momento mais importante de sua vida, única a aparentemente predizer aquele momento de jubilo:

Mas quanto me dói que à inesquecível companheira dos melhores quinze anos da minha existência, que a minha fiel e doce Maria não esteja ao meu lado para compartilhar do meu triunfo! Ela, que só pensava e sentia através do meu sentir e do meu pensar! Ela que exultava nas minhas alegrias e chorava nos meus pesares! Ela que, mais que ninguém, confiava na minha capacidade e antevia os sucessos de minha carreira! Ela, a encantadora visionária que – ao passar comigo diante do Palácio dos Campos Elíseos – murmurava, embevecida, aos meus ouvidos, num carinhoso sorriso de invencível confiança: nossa casa! ...<sup>9</sup>

Percebe-se nesta passagem que sua ascensão política não se deve ao acaso, mas um suposto destino que lhe aguardava, interpretada como uma espécie de missão.

Adentra-se assim, em outro nível da narrativa de Altino, o da concepção da imagem de homem público, imbuído de um sentimento de dever. Percebe-se este aspecto no anúncio que fez das normas de conduta de seu governo durante a primeira reunião que fez com seu secretariado. De início revela sua intenção de harmonizar os conflitos internos no seio do partido:

Politicamente quero que sejam atendidos, no que for possível, todos os chefes do Partido, sem preferências e sem preterições odiosas, sem [preocupação] de correntes ou de grupos, visto como tenho o máximo empenho em tornar o P.R.P., de fato e de direito uma organização homogênea e coesa, em que se harmonizem e se fundam as aspirações e os interesses de todos os bons republicanos.<sup>10</sup>

<sup>8</sup> Arquivo do Estado de São Paulo (AESP). Arquivo Privado Altino Arantes (APAA). Locus: AP91.01.001. vol.4.

<sup>9</sup> AESP. APAA. Locus: AP91.01.001. vol.1. [1º/5/1916].

<sup>10</sup> AESP. APAA. Locus: AP91.01.001. vol.1. [2/5/1916].

Havia é claro uma distância enorme entre este desejo de reconciliação política com o grupo dissidente e sua efetivação prática. Altino compusera seu gabinete com figuras de proa do "alvismo": Oscar Rodrigues Alves, na Secretaria do Interior; Cardoso de Almeida, na Fazenda; Elói Chaves, na Segurança Pública e Cândido Rodrigues, na Agricultura. Este concerto mantinha o controle político-administrativo do Estado sob a égide do grupo de Rodrigues Alves.

Em seguida a conclamação de apaziguamento político, Altino avança em aspectos que considerava centrais para orientação da ação de seu governo:

Administrativamente, quero a execução inescrupulosa e integral da minha plataforma, especialmente no quis respeito à economia dos dinheiros públicos. Recomendo a redução das despesas a cifra exata das respectivas consignações orçamentárias, sendo estas repartidas em duodécimos mensais, que não devem ser excedidas se não em caso de força maior. É necessário, outrossim, extinguir, aos poucos, nas diferentes repartições a numerosa classe dos empregados extranumerários ou encostados, limitando-se, assim, o pessoal de serviço nos aos quadros regulamentares. Quanto à imprensa, sou pela abolição do sistema de jornais subvencionado: que se auxilie, de vez em quando, com publicações úteis e oportunas as folhas amigas; mas nada de subvenções fixas, que desprestigiam os governos e oneram grandemente os cofres públicos. Neste particular, só toleraria uma exceção, em favor do "Correio Paulistano", órgão oficial do Partido e oficioso do governo... Quanto ao mais, que se seguissem, insaciavelmente, as sabias e prudentes normas deixadas pelo meu ilustre antecessor de cuja política e de cuja administração eu me honrava em afirmar-me discípulo e continuador.<sup>11</sup>

No programa apresentado destaca a austeridade nos gastos públicos, seja por meio da necessidade premente de diminuição do montante de despesas orçadas ou por intermédio de uma reforma administrativa. Mostra-se irredutível no que tange a subvenção oficial de órgãos da imprensa, considerando aquilo que se tornara prática habitual dos governos como antiética e imoral.

Ao longo do diário, Altino parece desmentir estes compromissos assumidos na sua plataforma de governo. Como membro de um partido único e regional, com características profundamente oligárquicas e patrimonialistas, jamais deixou de considerar a importância dos laços de parentela, do favoritismo e da barganha, como fatores políticos de peso considerável

<sup>11</sup> AESP. APAA. Locus: AP91.01.001. vol.1. [2/5/1916].

no jogo político (LOVE, 1982: p.163). Assim, cede em diversos momentos as estas práticas, como por exemplo, a solicitação de transferência de parente para cargo vago efetuada por chefe do partido:

Tendo [ocorrido] uma vaga de [?] escriturário na Secretaria do Interior resolvo – de acordo com o Oscar [Rodrigues Alves] – que, para ela, seja removido o Alcebíades Arantes, sendo o lugar deste, no [Instituto] Bacteriológico, preenchido pelo Álvaro Araújo, sobrinho do Carlos de Campos, a pedido deste.<sup>12</sup>

Em outro trecho significativo um pedido da mesma natureza parte de uma liderança expressiva do diretório municipal da Capital envolvendo a indicação de um parente. Segue-se o comprometedor convite pessoal, desenlace das inter-relações de parentelas que pesava mormente nas decisões administrativas:

31 de Agosto [1916] – Pela manhã, fui procurado pelo Valois [de Castro], chegado hoje mesmo do Rio, e pelo [coronel] José Piedade. Aquele pediu-me a prometida nomeação de uma sua sobrinha para uma escola de S. Bernardo; e este convidou-me para padrinho de casamento de sua filha [Maria]. No despacho com o Cardoso, este tratou do caso político de Botucatu, mostrando-se interessado num acordo em que entrassem, em igualdade de condições, seus amigos daquela localidade.<sup>13</sup>

Em alguns casos, as ligações familiares e de amizade poderia influir no afastamento de determinado indivíduo, e mesmo provocar choques desagradáveis entre novos e antigos membros do governo levando a intervenção do presidente no caso:

No despacho do Candido Motta, este comunica-me que havia readmitido, na Secretaria da Agricultura, o antigo funcionário R. Siqueira Campos, dispensado em [tempos] pelo Paulo de Moraes<sup>14</sup>, que, por esse motivo, fora, recentemente, vítima de uma tentativa de uma agressão por parte daquele senhor. Disse ao Motta que eu ignorava completamente este último incidente; e que, por causa dele tão somente, me parecia que a readmissão do Sr. Siqueira Campos poderia prestar-se a críticas aparentemente fundadas contra o governo atual que, por tal forma, esquecia um ato reprovável de pública indisciplina. O Motta retrucou que tratava-se de um pobre chefe de família honrado e trabalhador, em situação de desespero por falta de

<sup>12</sup> AESP. APAA. Locus: AP91.01.001. vol.1. [17/6/1916]

<sup>13</sup> AESP. APAA. Locus: AP91.01.001. vol.1. [31/8/1916]

<sup>14</sup> Paulo de Moraes Barros, ocupou a secretaria da Agriculturano governo de Rodrigues Alves entre julho de 1913 e novembro de 1915.

recursos; e que ele, Motta, mantendo relações formais com a família Moraes Passos, estava em condições de bem explicar ao Paulo os motivos de seu ato.<sup>15</sup>

Em determinados momentos tinha-se a impressão de que nada parecia escapar a esfera do poder executivo estadual como se pode perceber no relato que se segue contendo um minucioso descritivo das articulações político-partidárias em que o presidente acabava se envolvendo:

Esteve no Palácio comigo o Rodolfo Miranda tratando dos casos eleitorais da Capital, de Piracicaba e de Santa Bárbara. O Eloy, Oscar e o Fontes Junior combinavam uma ação conjunta no sentido de realizar-se um congraçamento político em Pindamonhangaba. Recomendei ao Eloy que chamasse a esta Capital o delegado de Barretos para dar lhe instruções precisas categóricas sobre o próximo pleito, que desejo corra absolutamente livre. Acertei com o Cardoso a redação do termo a ser lavrado para desobrigar a Prefeitura da Capital do débito de adiantamentos, que já lhe fez o Estado, em valor superior a três mil contos. Nos Campos Elíseos encontrei o André, que falou longamente sobre a política local de Franca ou, melhor, sobre suas divergências com o Tesiano.<sup>16</sup>

A aparente ambiguidade que percorre muitos trechos do diário de Altino não o impediram de procurar formular a imagem de político honesto. Ao tornar escancarados os acordos de bastidores e as trocas de favores como parte do *modus operandi* da máquina administrativa pública, acabava por naturalizar práticas que não coadunavam com uma suposta representação ideal de um político e mesmo com seus valores cristão-católicos. O universo da política parece se situar assim em outro patamar, distinguindo-se dessa moral, como um lugar onde se misturam o mundo dos negócios privados com a *res*-pública.

### **Presidente de Estado de “um país, outro país”**

Além de atuar na esfera estadual, Altino recebia frequentemente em reuniões protocolares a visita de outros governadores, senadores, deputados federais e oligarcas regionais, que vinham consultar-lhe a respeito de disputas eleitorais ou apoio para aprovação de projetos e recursos junto ao governo federal. É certo que o prestígio conferido pelo cargo aliado ao peso de São Paulo no sistema federativo, garantia o destaque devido como se pode perceber nos assuntos discutidos durante a visita do ex-presidente da República Nilo Peçanha:

---

<sup>15</sup> AESP. APAA. Locus: AP91.01.001. vol.1. [13/6/1916]

<sup>16</sup> AESP. APAA. Locus: AP91.01.001. vol.4. [13/6/1917].

25 de Abril [1917] – Chegada do Dr. Nilo Peçanha, Presidente do Estado do Rio, que foi, como hóspede oficial, recebido com as honras devidas ao seu cargo. Despachei com o Dr. Oscar. Às duas horas recebi, no Palácio da cidade, a visita do Dr. Nilo, que retribui, em pessoa, na *Rotisserie*, imediatamente depois. A palestra versou sobre sucessão presidencial, acontecimentos internacionais, situação do Ministro Lauro Müller e outros aspectos gerais.<sup>17</sup>

A queda do ministro das Relações Exteriores, sucessor do barão do Rio Branco, que ocorreria no início do mês seguinte, assunto da conversa, fora motivada pelos desdobramentos da defesa que fazia da neutralidade brasileira durante a Primeira Guerra, quando passou a ser pressionado pela imprensa e atacado pelos discursos de Rui Barbosa.

No primeiro semestre de 1917 várias notas do diário demonstrava a preocupação de Altino com a sucessão do presidente Venceslau Brás. A chapa que seria encabeçada por Rodrigues Alves, era considerada arriscada devido ao seu estado de saúde e ao desgaste político. Ao comentar sobre a oficialização da candidatura Altino expressava de forma significativa o resultado daquele evento:

8 de Junho [1917] – Chegaram pela manhã os primeiros telegramas, comunicando-me o pleno êxito da Convenção Republicana, que se reunira ontem, no Rio, e que escolheu para candidatos a Presidente e Vice-presidente da República no próximo quadriênio, os Srs. Conselh<sup>o</sup>. Rodrigues Alves e o Dr. Delfim Moreira. Com este resultado, que restitui ao Estado de São Paulo a sua hegemonia política na federação considero terminada a missão de meu governo na ordem externa. Resta agora a parte administrativa, porventura a mais difícil e penosa....<sup>18</sup>

Altino procurou costurar uma aliança política em favor do conselheiro, que passava pelo apoio de gaúchos e mineiros, que pareciam preferir Rui Barbosa. Antônio Azeredo, presidente de Mato Grosso, chegou a advertir Altino de uma reviravolta com uma possível morte de Rodrigues Alves, devido a sua idade avançada, pois receava o poder nas mãos dos mineiros, parecendo adivinhar o que realmente iria acontecer (FRANCO, 1973, v2: 792-818).

Interessante notar a expressão utilizada por Altino neste episódio, ao considerar concluído os assuntos que diziam respeito à “ordem externa”, dando a entender que São Paulo constitui-se em sua magnitude “um país; outro país”(FRANCO, 1973, v2: 882). Utiliza o termo

<sup>17</sup> AESP. APAA. Locus: AP91.01.001. vol.4. [25/5/1917]. Com a morte do presidente da República Affonso Penna em 1909, seu vice, Nilo Procópio Peçanha assumiu a chefia de governo até o final do mandato em fevereiro de 1910. A época desta visita a São Paulo era governador do Estado do Rio de Janeiro (1914-1917).

<sup>18</sup> AESP. APAA. Locus: AP91.01.001. vol.4. [8/6/1917].

“hegemonia” para se referir ao que parece interpretar como retorno ao poder dos paulistas, ignorando completamente a existência de uma chapa concorrente, pois estava convicto de que o conselheiro seria eleito.

O que se percebe como algo frequente na narrativa do diário é o desejo de Altino de ser reconhecido como um protagonista, como um personagem importante na trama política que constrói para sustentar seus argumentos. Em parte, sua personalidade se define através das relações que mantém com importantes lideranças políticas com os quais sela acordos, firma pactos e toma decisões que em sua interpretação interferiam no curso dos acontecimentos.

### Referências Bibliográficas

Fonte

Arquivo Público Estadual de São Paulo - AESP

Fundo Privado – Altino Arantes

Lócus: AP91.01.001 – Diário escrito por Altino Arantes durante seu período na presidência de São Paulo, relatando todos os seus acontecimentos [período: 1º/5/1916 a 31/10/1917 - 5 volumes - Atuação de Altino Arantes no Governo de São Paulo - fotocópia] - Título original: *Meu diário – Registro intimo de factos e impressões (redigido ao correr da penna, sem preocupação litteraria de qualquer especie, e destinado a meu uso pessoal e exclusivo).*

Lócus: AP92.01.001 – Diário escrito por Altino Arantes durante seu período na presidência de São Paulo, relatando todos os seus acontecimentos [período: 1918/1919 - 5 volumes - Atuação de Altino Arantes no Governo de São Paulo - fotocópia].

Bibliografia

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos. In: *Estudos Históricos*. CEPEDOC/FGV, v.11, n.21, Rio de Janeiro, 1998.

CASALECCHI José Ênio. *O Partido republicano paulista: política e poder (1889-1926)*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Tradução de Gilson César C. de Souza. São Paulo: Edusp, 2009.

- EGAS, Eugênio. *Galeria dos presidentes do Estado de São Paulo e vice-presidentes*. v. 2 (Período republicano 1889-1920). São Paulo: Seção de obras d' "O Estado de S. Paulo", 1927.
- FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos Arquivos Pessoais: o Arquivo de Gustavo Capanema. In: *Estudos Históricos*, v.11, n.21, 1998, p.59-87.
- FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Rodrigues Alves: apogeu e declínio do presidencialismo*. Prefácio de Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/José Olympio Editora, 1973. 2v.
- GETÚLIO Vargas: diário. Apresentação de Celina do Amaral Peixoto; Edição de Leda Soares [Pesquisadores: Maria Celina D`Araujo, Regina Luz Moreira e Ângela de Castro Gomes]. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1995. 2v. il.
- LEJEUNE, Phillipe. O pacto autobiográfico: de Rosseau à internet. Jovita Maria G. Noronha (org.). Tradução de Jovita Maria G. Noronha e Maria Inês C. Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- LOVE, Joseph. *A locomotiva: São Paulo na federação brasileira Brasileira (1889-1937)*. Tradução de Vera Alice Cardoso da Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- MAGALHÃES, José Vieira Couto de. *Diário Íntimo*. Organização de Maria Helena P. T. Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MARQUES, Altino Arantes. Washington Luís em Batatais. In: Washington Luís: Homenagem do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. São Paulo: s. n., 1957.
- MARQUES, Altino Arantes. *Passos do meu caminho*. 2v. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.
- MELLO, Evaldo Cabral de. O fim das casas-grandes. In: NOVAIS, F. (coord.-geral), ALENCASTRO, Luiz Felipe (org. do volume). *História da vida privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional*. v. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.